



CADERNOS DE ESTUDOS SEFARDITAS



1º SEMESTRE 2017

Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste»

DIRECTORA

Maria de Fátima Reis

COMISSÃO CIENTÍFICA

A. A. Marques de Almeida

António Andrade

António Borges Coelho

João Cosme

José da Silva Horta

Maria de Fátima Reis

COMISSÃO DE ACOMPANHAMENTO

Francisco Contente Domingues

Monique Marcos de Benveniste

Serge Marcos de Benveniste

Cadernos de Estudos Sefarditas

COMISSÃO CIENTÍFICA

Francesco Guidi Bruscoli

François Soyer

Jaqueline Vassallo

COMISSÃO EDITORIAL

Carla Vieira

Miguel Rodrigues Lourenço

Susana Bastos Mateus

© Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste»

Design da capa: João Vicente

Paginação: Rodrigo Lucas

Tiragem: 150 exemplares

Impressão: LouresGráfica

Data de impressão: Maio de 2017

Depósito legal: ????

ISSN: 1645-1910

Cátedra de Estudos Sefarditas «Alberto Benveniste»

Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Alameda da Universidade

1600-214 Lisboa

Telef. +351 21 792 00 00

cesab@letras.ulisboa.pt

Índice

Nota editorial	7
----------------------	---

PARTE I – DIÁSPORA SEFARDITA: GEOGRAFIAS, CULTURAS E SOCIEDADES

NICOLE ABRAVANEL – “L’espace ou le personnage caché dans la <i>Consolation aux tribulations d’Israël</i> de Samuel Usque”	11
---	----

TERESA CORDEIRO – “A trajetória social da família de André Reinoso. Poder, trânsitos e integração”	37
--	----

JAVIER LEIBUSKY – “Villa Crespo : le quartier judéo-espagnol de Buenos Aires et son <i>Café Izmir</i> ”	59
---	----

ORA (RODRIGUE) SCHWARZWALD – “Ladino Versions of <i>Quién supiese (Eḥad Mi Yodea)</i> ”	77
---	----

LINE AMSELEM – “ <i>Yahasrá</i> de Solly Lévy (Montréal, 1992): première œuvre de fiction publiée en ḥaketía”	101
---	-----

PARTE II – CRÓNICAS E ENTREVISTAS

ÂNGELO ADRIANO FARIA DE ASSIS, POLLYANA GOUVEIA MENDONÇA MUNIZ, YLLAN DE MATOS – “Ao mestre, com carinho: celebrar Ronaldo Vainfas e sua obra”	115
--	-----

BRUNO FEITLER – “Crônica do Simpósio Historia de las Inquisiciones
(Córdoba, Argentina, 15, 16 e 17 de março de 2017)” 123

SÉRGIO VALENTE – “Entrevista a Fernando Pflüger” 127

PARTE III – RECENSÕES

JOÃO CASTELA OLIVEIRA – Bruno Feitler, *The Imaginary Synagogue: Anti-Jewish Literature in the Portuguese Early Modern World (16th-18th Centuries)*, Leiden, Brill, 2015. 133

SUSANA BASTOS MATEUS – Béatrice Perez, *Les Marchands de Séville. Une société inquiète (XVe - XVIe siècles)*, Paris, PUPS, 2016. 136

CARLA VIEIRA – Ronnie Perelis, *Narratives from the Sephardic Atlantic: blood and faith*, Bloomington, Indiana University Press, 2016. 138

Notas biográficas 141

interessantes para utilizar em outros contextos com processos semelhantes aos de Sevilha, como é o caso de Lisboa ou de algumas cidades italianas. A leitura deste livro não deixa de nos “inquietar” lançando pistas para novas investigações sobre as formas de inserção e de promoção social dos mercadores portugueses da primeira metade de Quinhentos, muitos dos quais tinham, precisamente, origem judaica.

SUSANA BASTOS MATEUS

Cátedra de Estudos Sefarditas

«Alberto Benveniste»

CIDEHUS - UÉvora

CEHR - Universidade Católica Portuguesa

Ronnie Perelis, *Narratives from the Sephardic Atlantic: blood and faith*, Bloomington, Indiana University Press, 2016. 178 pp. ISBN: 9780253024015.

Lançado no final de 2016 pela Indiana University Press, *Narratives from the Sephardic Atlantic: blood and faith* é o resultado de um sólido trabalho de pesquisa e reflexão desenvolvido por Ronnie Perelis, professor na Bernard Revel Graduate School da Yeshiva University (Nova Iorque), em torno da literatura autobiográfica no contexto da diápora sefardita no Atlântico, problemática que já havia nortado a sua tese de doutoramento na New York University (“Marrano Autobiography in Its Transatlantic Context: Exile, Exploration and Spiritual Discovery”).

A obra enquadra-se nas novas abordagens que têm sido desenvolvidas nos últimos anos por autores como Jonathan Israel, Jonathan Schorsch, Daviken Studnicki-Gizbert, David Graizbord ou María Elena Martínez sobre as estruturas e dinâmicas que moldam o chamado “Atlântico Sefardita” (*Sephardic Atlantic*) na Época Moderna, espaço marcado pela fluidez religiosa e identitária e por redes de relações abrangentes e transculturais cimentadas nas noções de sangue e herança comum.

Perelis elege o conceito de família, nas suas diversas dimensões – biológica, social/comunitária, étnica e religiosa –, enquanto matriz de análise de três narrativas autobiográficas que têm em comum a viagem física e espiritual pelo mundo atlântico: a autobiografia de Luís de Carvajal *el Mozo* (c. 1592) anexada ao seu segundo processo inquisitorial no Tribunal do México em 1595, *La Vida del buenaventurado Abraham Pelengrino Guer* (posterior à década de 1620) de Manuel Cardoso de Macedo e *Relación de António de Montezinos*, integrada na obra de Menasseh ben Israel, *Esperança de Israel* (1650).

Esta abordagem constitui a grande originalidade da obra. Perelis fornece igualmente uma perspectiva inovadora sobre a forma como o percurso geográfico e espiritual destes três homens se inscreve numa Diáspora Atlântica marcada pela experiência e memória da repressão inquisitorial. Carvajal, Cardoso e Montezinos foram os três alvo de processo inquisitorial nos tribunais do México, Lisboa e Cartagena das Índias, respectivamente. Perelis questiona até que ponto as sessões de confissão a que foram sujeitos não teriam estado na

génese do exercício de evocação do passado que constitui a estrutura básica e o modo operativo da narrativa autobiográfica. Não obstante, o autor nota como este não é um género particularmente comum na literatura sefardita ocidental.

A reflexão sobre o género autobiográfico e as características diferenciadoras dos três textos norteia o conteúdo do primeiro capítulo da obra (“Audience and Archive: Text, Context, and the Literary Construction of Experience”). A narrativa autobiográfica no período moderno alberga, em si, um forte carácter mediador, criando uma ponte entre o Eu e a comunidade onde este se insere. Trata-se de um género profundamente enraizado nas relações sociais e comunitárias do próprio autor, vínculos esses que o conduzem à descoberta da sua identidade e missão de vida. A dimensão comunitária da autobiografia reflecte-se igualmente nos seus objectivos, direccionados bem para lá do indivíduo.

Perelis classifica as narrativas de Carvajal, Cardoso e Montezinos como textos híbridos, enquadráveis num subgénero que denomina de “autobiografia espiritual” (*spiritual autobiography*). Os três usam diferentes formas narrativas com a intenção de captar uma audiência específica claramente identificada. Por exemplo, Cardoso declara de forma aberta que o seu objectivo é o de servir de inspiração a outros na busca da sua “casa espiritual”. As experiências pessoais são assim transformadas em momentos de revelação religiosa e de transformação de vida, a qual é simbolizada pela mudança de nome. Carvajal torna-se Joseph Lumbroso,

Cardoso, Abraham Pelengrino, e Montezinos, Aharon Levi.

Nos capítulos seguintes, Perelis analisa individualmente os três textos, tendo como linha de rumo a tensão permanente entre o sentido de autonomia espiritual do autor e as relações sociais estabelecidas. O parentesco – não só o biológico, como também o espiritual – é o tópico comum que acompanha os dois capítulos dedicados a Luís de Carvajal e à sua autobiografia. As relações de Carvajal com as diversas figuras patriarcais e matriarcais que encontra ao longo da vida, bem como com os seus irmãos de sangue e aqueles que passa a considerar irmãos de fé, moldam o seu caminho rumo à revelação religiosa mas também à descoberta da sua própria identidade.

No caso de Manuel Cardoso de Macedo, a transformação identitária ao longo da viagem espiritual retratada na sua autobiografia é ainda mais radical. Do seu passado familiar encontrava-se ausente qualquer herança judaica – nascera cristão-velho – e é no périplo geográfico no Atlântico europeu, entre os Açores e Inglaterra, que a sua fé peregrina, inicialmente rumo ao Calvinismo e depois de encontro à Lei de Moisés. Perelis alerta para o facto deste processo de mutação ser contrário à ideia de inevitabilidade do sangue, conceito hetero e auto-referencial que modela a identidade conversa. Porém, o seu principal enfoque é na constatação de que os momentos de mudança na vida de Cardoso nunca acontecem na solidão, sendo antes resultado de encontros com outros indivíduos que despertam em si a

experiência de uma nova fé e alimentam a viagem religiosa que empreende.

Perelis demonstra que são também as relações interpessoais a conduzir António de Montezinos no seu percurso de converso assimilado a judeu determinado na expectativa messiânica. Bem longe da sua Vila Flor natal, Montezinos encontra os seus verdadeiros irmãos nos Andes, entre as populações ameríndias. É Francisco, o índio que lhe serve de intérprete na sua viagem, quem lhe revela a existência dos Rubenitas (descendentes da tribo perdida de Rúben) e medeia o encontro com estes seus “irmãos de fé”. Porém, como prova o autor, os Rubenitas surgem ao longo da narrativa sempre numa perspectiva de claro distanciamento. Montezinos identifica a comunhão de uma fé e de um passado comum, mas não é com eles que acaba por nutrir uma relação fraternal forte. Os verdadeiros irmãos encontra entre Francisco e a sua tribo. Neste caso, a noção de irmandade (*brotherhood*) ultrapassa as noções de sangue e raça e vai de encontro a uma dimensão universalista.

A construção de identidades fluidas e híbridas ao longo do périplo pelo espaço atlântico caracteriza as narrativas de Carvajal, Cardoso e Montezinos. Mas também a história pessoal e familiar do próprio autor. Numa atitude que poderia até ser considerada ousada por quem advoga mais apaixonadamente a objectividade histórica, Perelis fecha a obra aproximando o seu percurso de vida e a sua memória familiar ao objecto de estudo, admitindo como tal influenciou o encontro entre ambos. Julgamos interessante (e algo irónico)

este toque de conferir ao posfácio de uma obra em torno de autobiografias um carácter igualmente autobiográfico.

Descendente de judeus da Europa do Leste que chegaram a Cuba nos anos de 1920-30 e acabaram por se fixar na Florida após a Revolução, Perelis recorda a difícil adaptação a uma nova realidade cultural e a novos ritmos de vida, algo que moldou a hibridez identitária da comunidade judaico-cubana de Miami. Os paralelismos com as experiências de Carvajal, Cardoso e Montezinos são evidentes. “I am attracted to their chameleonic adventures, identity games, and transatlantic and transcultural transformations because I see these men as kindred spirits. I also know that while this affinity has led me to this subject and had fed my passion for understanding and discovering the nature of the Sephardic Atlantic and in particular these powerful tales of personal religious enlightenment, it is also a possible liability in my quest to engage this subject analytically and critically. This is a danger that I am willing to hazard.” (p. 124). Finda a leitura, apenas podemos acrescentar que o risco valeu a pena.

CARLA VIEIRA

Cátedra de Estudos Sefarditas

«Alberto Benveniste»

CHAM, FCSH, Universidade NOVA
de Lisboa, Universidade dos Açores